

A chegada

Sempre acreditei que voltaria a Macau. Que este bafo quente à saída do *ferry* tocaria novamente a minha pele, numa carícia feita de memória. Há vinte anos, vi pela primeira vez esta terra, numas breves férias de uma semana, acompanhada por um grupo de jovens, tal como eu, a fechar ainda as portas da adolescência e a sonhar novos horizontes. Todos havíamos sido premiados num concurso, para o qual tínhamos escrito textos sobre as nossas terras de origem, mas este era um horizonte que nos transcendia o sonho. Havia a calçada portuguesa, os edifícios do centro histórico, o calor voraz e húmido de Agosto, os rostos, as línguas indecifráveis, o Mercado Vermelho onde animais não comestíveis para os padrões ocidentais se vendiam para consumo, a parte chinesa da cidade, os tintins... Tudo tão novo e estranho que, por mais que me esforçasse, o olhar não conseguia apreender e gravar.

Agora, vim a cavalgar um sonho: o trabalho como jornalista, recusado pelo meu país que em tem-

pos de Troika, me atirou para as filas dos Centros de emprego, após longos anos de trabalho, a tentar revelar realidades escamoteadas, ocultas tantas vezes em marasmos de interesses poderosos. Na verdade, poderia dar a volta à vida de outra forma, fazer outra coisa, sem sair da tal “zona de conforto” que já se tornou um cliché. Mas, se o jornalismo sempre foi o que fez vibrar a minha alma, como aceitar mudar o rumo e limitar-me a boiar como barco sem rumo? Olho para a multidão que me rodeia e tento ler nos seus rostos ansiosos todas as histórias que guardam. As malas chegam empilhadas em carrinhos metálicos. O terminal de ferry ainda não tem um tapete rolante. Todos se precipitam de cada vez que surge uma dessas paletes, na esperança de resgatar a sua bagagem, esses fragmentos de vida que alicerçarão e alimentarão o quotidiano nestas paragens – independentemente de estarem na terra natal ou de acolhimento. A verdade é que o ano Novo Chinês está a nascer e dois mil e doze voará no dorso do Dragão, um dos mais admirados do zodíaco, a ponto de o número de gravidezes aumentar substancialmente para que os filhos nasçam sob este signo auspicioso.

O tempo passa. A gente começa a escoar-se, ao ritmo manso de uma ribeira. Vejo a minha mala com a faixa amarela que a identifica, a emergir da

confusão, como uma bandeira adiada a assinalar o território do sonho. Agarro-a e encaminho-me para a porta onde, além de todos os receios e saudades, o futuro se abre de par em par. Chamo-me Soraia e sei que Macau também pode ser isto: o lugar onde o amanhã germina, embalado pelo desfolhar de incertezas, num caudal de histórias para contar.

O suicídio

Chego ao local da ocorrência às cinco e sete minutos da tarde. Vejo o corpo de Leong Fu, estátua antecipada de carne feita mármore, a cabeça coberta com um saco de plástico. Tudo limpo e arrumado à volta. Versão oficial já previamente anunciada: suicídio.

O meu chefe dá ordens em cantonês e observa descontraidamente o cenário, começando a acender um cigarro. Mas, de repente, lembra-se da lei anti-tabaco e que poderá ser multado em 1200 patacas – desiste da ideia. Respira fundo, tira uma pastilha elástica do bolso e depois de calçar as luvas, apanha a mala da vítima tombada no chão, ao lado da sanita. Abre-a. Está meticulosamente organizada e arrumada: uma caixa com tranquilizantes, uma navalha, ligeiramente suja de sangue, o *baton*, espelho, lenços de papel, uma esferográfica, um pequeno bloco de notas, o telemóvel, carteira com documentos, cartões de crédito *platinum*, uns óculos de sol guardados na caixa correspondente. Os pulsos da vítima têm marcas de cortes ligeiros feitos talvez pela navalha, que

depois terá sido limpa e arrumada dentro da mala. Uma morte planeada e organizada ao mínimo detalhe. Será possível esta frieza e calculismo nos últimos momentos? O que fará alguém sair de casa com uma navalha na mala, alguns tranquilizantes para, horas depois, ser encontrada sem vida na casa de banho de um edifício, asfíxiada por um saco de plástico colocado na cabeça... Isto, quando era suposto estar numa importante reunião de trabalho.

Mala tão arrumada! Conseguir na morte aquilo que Leong Fu nunca fora em vida, sobretudo na esfera pessoal: organizada! Segundo a empregada filipina, que, três vezes por semana lhe limpava a casa, a sensação que se tinha ao entrar no seu apartamento era que um tufão de nível oito acabara de sair de lá naquele preciso momento. Tudo sempre espalhado por todo o lado, sem haver sequer a noção da necessidade de guardar as mesmas coisas nos mesmos sítios. Parecia que cada dia, os objectos encontravam naquela casa novos lugares, como se fossem criaturas pensantes a quererem libertar-se da escravidão da rotina: os sapatos na escrivaninha, o papel higiénico em cima do frigorífico, canetas ou marcadores na cesta da fruta...as coisas mais estranhas, nos sítios mais inimagináveis.

A tese de suicídio foi, desde o início, instaurada

como verdade absoluta. Leong Fu chegara, havia sete anos, da China interior. O marido e os filhos continuaram a viver no continente, mas visitavam-na com alguma frequência. Viera trabalhar para o CCAC (Comissariado Contra a Corrupção), onde parecia ter uma carreira em meteorítica ascensão, tendo atingido rapidamente um posto de chefia. Numa terra onde tudo é tão transparente e cristalino como o lodo poluído do Rio das Pérolas, quem poderia desejar o fim de Leong Fu? Curiosamente, pouco antes, no seu apartamento ocorreu um pequeno incêndio – acontecimento comum em terra de incensos, panchões e onde se queimam frequentemente oferendas aos deuses e aos antepassados... mas Leong Fu sempre foi friamente racional, distanciada de credices e rituais. Diz-se que andava estranha ultimamente, talvez demasiado nervosa. Mas do trabalho não falava a ninguém. Levava muito a sério todas as questões do sigilo profissional.

Os seus colegas declararam que, profissionalmente, tudo lhe correria demasiado bem: sempre em ascensão, boas relações com superiores, muitos amigos influentes – o que parecia insuflar-lhe mais rapidamente o percurso. A nível pessoal, talvez houvesse uma história qualquer de traições... talvez tivesse descoberto que o marido tinha uma amante

indonésia, massagista de um SPA que ele muito frequentava quando vinha a Macau... que, talvez, inclusive, a dita moça estivesse grávida... mas ninguém sabia ao certo. Outra versão era que o marido engravidara a empregada filipina... Coisas que se diziam. Também havia quem dissesse que Leong Fu investigava um caso de corrupção muito grave, a envolver proprietários de grandes casinos... muita e poderosa gente a quem o magnetismo do dinheiro catapulta para o Olimpo acima de qualquer lei... Mas não, só podia ser boato, ou “*fake news*”, como se diz agora, além do mais, aqui, em terra de tão cristalinas honestidades. E que Leong Fu recebeu alguns telefonemas ameaçadores semanas depois de sido proibida a entrada no território de um contendor com algo misterioso – enfim, talvez uma mera brincadeira de gente ociosa, a quem falhou a Netflix, ou se esqueceu da *password* das redes sociais e se viu subitamente desocupada.

Oficialmente, concluiu-se que Leong Fu, cansada subitamente de viver, deprimida ou desiludida, talvez, escolheu a casa de banho pública de um condomínio para se despedir da vida: auto-asfixia com um saco de plástico... a estes e outros mistérios ninguém jamais responderá, nem sequer o seu corpo, agora mero vulto de formas quase indefini-

das sob um lençol branco encardido, empurrado numa maca, depois de o meu chefe ter acabado com a caixa das pastilhas elásticas. Afinal o que pode ser a vida? Com que linhas se desenhou esta morte? Segredos sem resposta sepultados no delta de todas as dúvidas.